

Tiffany Abreu *versus* Sesc Flamengo: Transfobia no vôlei e os embates entre os campos sociais¹

Danilo MONTEIRO²

Victória Zilmara ALVES³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar o caso de transfobia sofrido pela atleta do Osasco Voleibol Clube, Tiffany Abreu, em fevereiro de 2024. Na ocasião, o administrador da página de um clube rival, Sesc RJ Flamengo, curtiu um comentário transfóbico de um torcedor e esse ato gerou repercussão nas redes sociais. Para esta análise descritiva, utilizamos os conceitos de campo e de poder simbólico de Bourdieu (1998). Os resultados mostraram que enquanto os torcedores cobraram posicionamento e uma resposta diante do ato transfóbico, os agentes dos campos dos clubes e os da imprensa esportiva atuaram no reforço do discurso hegemônico.

PALAVRAS-CHAVE

Campos Sociais; Comunicação; Poder Simbólico; Tiffany Abreu; Vôlei.

INTRODUÇÃO

O esporte de alto rendimento se apresenta como uma das práticas constitutivas da vida social, pois se trata de um relevante instrumento social que abarca aspectos relativos à saúde, ao lazer e ao bem-estar, bem como o elemento da torcida (GARCIA; PEREIRA, 2019, p. 2). Além disso, o esporte também se constitui como uma prática social que reforça valores e padrões sobre as representações de gênero. Diante disso, Batista e Camargo (2020, p. 2) comentam que:

a separação de corpos biológicos de homens e mulheres nas categorias masculino e feminino, legitimada por uma política científica, é oferecida como um recurso que mantém suposta “igualdade de chances”, mas escamoteia um controle de corpos sobre quem pode e quem não pode, de fato, competir (BATISTA; CAMARGO, 2020,

Assim, a presença de corpos “desviantes” do padrão binário e cisnormativo de gênero nos esportes de alto rendimento gera discussões que evidenciam a fragilidade dessa lógica dicotômica entre masculino/feminino. Isso significa que a existência de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Esporte, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Doutorando em Estudos da Mídia do PPGEM – UFRN, e-mail: monteirodann@gmail.com

³ Mestranda em Estudos da Mídia do PPGEM – UFRN, e-mail: victoria.alves.116@ufrn.edu.br

atletas trans, intersexo e não-binários propicia uma discussão sobre as convenções sociais que regem a separação dos atletas baseada nas diferenças biológicas.

No Brasil, um dos exemplos mais conhecidos é o de Tiffany Abreu, atleta que joga atualmente pelo Osasco Voleibol Clube, com passagens por clubes nacionais e internacionais. Tiffany é uma mulher trans, cuja atuação no esporte se coaduna com as diretrizes propostas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 2016. Portanto, desde 2017 ela recebeu permissão da Federação Internacional de Voleibol (FIVB) para jogar entre mulheres na Superliga, sendo a primeira atleta trans brasileira a receber essa autorização.

Contudo, a presença de Tiffany Abreu na elite do voleibol brasileiro suscitou “ataques transfóbicos, vindos de jogadoras, comissões técnicas e também da imprensa esportiva, que questionavam se ela teria ou não vantagens em relação às demais atletas” (VASCONCELOS, 2021). Ainda em 2024, tais ataques continuam acontecendo, cujos discursos transfóbicos repercutem principalmente na esfera jornalística.

Considerando o supracitado, este trabalho de caráter descritivo investiga como se deu o acontecimento midiático em torno do caso de transfobia sofrido pela atleta do Osasco Voleibol Clube, Tiffany Abreu, na página do Instagram do Rio de Janeiro Vôlei Clube (mais conhecido como Sesc RJ Flamengo, nome atual devido aos patrocinadores) em fevereiro de 2024. Em nossa análise, recorreremos aos conceitos de campo e de poder simbólico propostos por Bourdieu (1998).

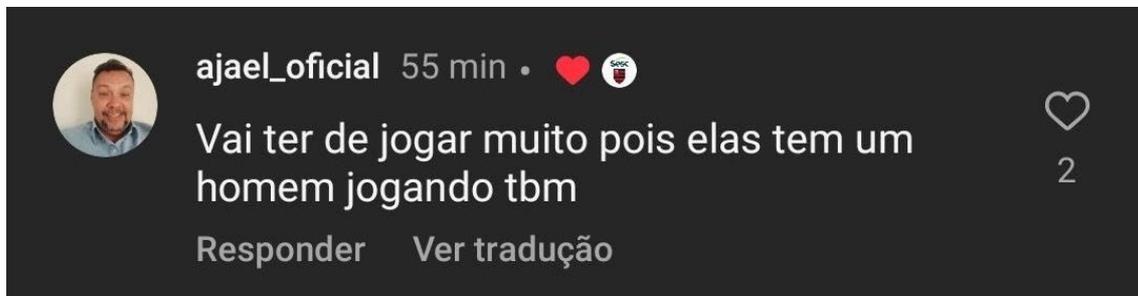
Além disso, é importante que se faça um aparte, já que compreendemos o termo “trans” como uma expressão “guarda-chuva para as múltiplas vivências de gênero” (BENTO, 2014, p. 49). Assim, partimos de uma perspectiva que inclui os diferentes sujeitos que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído e se diferenciam do sujeito cisgênero. Portanto, nosso objetivo não é reforçar o binarismo de gênero, mas apenas facilitar a compreensão de nosso trabalho.

O LIKE NO COMENTÁRIO TRANSFÓBICO: NOTAS SOBRE O PODER SIMBÓLICO PRESENTE NO EMBATE ENTRE OS CAMPOS

No dia 26 de fevereiro de 2024, a equipe do Sesc Flamengo fez uma postagem no Instagram oficial do clube referente a partida contra a equipe paulista Osasco, que aconteceria no dia seguinte, jogo válido pela 18ª rodada da Superliga Brasileira.

Ainda no perfil oficial, foi curtido um comentário que gerou repercussão quase imediata:

Figura 1: Print do comentário curtido pela página oficial do Sesc Flamengo no Instagram



Fonte: Instagram (2024)

O usuário da plataforma disse que a equipe carioca “vai ter que jogar muito”, associando a imagem de Tiffany a um homem jogando pela equipe rival. Ou seja, atribuindo à ponteira osasquense, uma vantagem baseada na corporeidade e, para as atletas cis, uma desvantagem biológica. Este comentário de teor transfóbico violenta e desrespeita a existência e a luta da atleta trans, Tiffany, no esporte brasileiro, além de invisibilizar a existência de tantas outras pessoas que não se encontram nos padrões binários da cisgeneridade em nossa sociedade.

Além disso, esse comentário reforça uma visão excludente e medicalizante apontada pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), de que “há ainda muitos projetos para proibir a participação de pessoas trans nos esportes ou limitar o acesso ao genital – chamado de ‘sexo biológico’ [...]” (BENEVIDES, 2024, p. 15). Tal pensamento de exclusão é uma violência à comunidade.

Esse pensamento advém de um discurso ideológico que interessa a um grupo dominante, que dissemina essa ideologia como algo natural. Isso tem relação com a definição de poder simbólico, “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1998, p. 7-8).

A violência causou movimentação entre amantes do vôlei, em busca de retratação pela violência simbólica cometida na conta do clube carioca. Por violência simbólica, Bourdieu (1998, p. 11) entende que:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função

política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’ (BOURDIEU, 1998, p. 11).

Costa (2006, p. 68) acrescenta que “o poder simbólico, conceito caro a Bourdieu que tem suas raízes na teoria durkheimiana, pode ser definido como o poder de construção da realidade, ou seja, do sentido imediato do mundo social”. Portanto, o entendimento sobre o poder simbólico passa a fazer mais sentido a partir do momento que utilizamos o conceito de campo social, também de Bourdieu, para explicar como a violência foi reproduzida e como cada campo social reagiu.

Em “A ciência do comum”, Muniz Sodré elucidada que “o campo é um espaço social composto por relações objetivas entre agentes e instituições, e destinado a legitimar cognitivamente as suas enunciações. É de fato um universo separado, com suas próprias leis de funcionamento” (SODRÉ, 2014, p. 32). Sendo assim, os clubes e a confederação compõem um campo social com interesses específicos; os apaixonados pelo esporte, aqueles que consomem dentro e fora das quadras, fazem parte de outro campo social; já a imprensa, que detém contato com ambos os campos citados anteriormente, possui interesses e circunstâncias específicas.

Com isso, conseguimos entender como os fãs, especialmente os componentes da comunidade LGBTQIAP+, se tornam agentes que questionam a manutenção do sistema estruturante, cobrando posicionamento sobre as violências simbólicas, sejam micro ou macro, através das mídias sociais, em busca de cessar ou diminuir essas violências e assegurar os direitos humanos de cada um.

Além disso, é significativo notar que os torcedores exerceram pressão na equipe carioca. Isso nos leva a crer que o posicionamento da equipe não seria o mesmo sem a manifestação ativa nas redes sociais. Portanto, as crenças e valores do campo dos torcedores que exigiam resposta são diferentes dos campos hegemônicos detentores dos poderes.

O time paulista, Osasco, foi o primeiro a se pronunciar – é significativo, o clube em 2021 estampou o “orgulho” em seus uniformes, representando o apoio à diversidade

–, e utilizou a imagem da atleta para reforçar que mesmo após o ato falho⁴ cometido pelo clube adversário, a atleta se encontra grata pelo apoio da torcida contra o episódio transfóbico vivido em 2024.

Após a movimentação nas redes sociais, como no X e Instagram, o clube carioca precisou se retratar pelo erro, em seus dizeres: “Assumimos nosso erro, independentemente dele ter sido cometido não intencionalmente, por uma falta de atenção que nunca deveria acontecer” (SESC RJ FLAMENGO, 2024). Como podemos ver, o clube sugere que a curtida pode ter sido acidental, tentando se resguardar das acusações de transfobia.

Apesar disso, a gravidade e o tempo do *like* dado foram um golpe duro, intencional ou não. A curtida no comentário transfóbico durou cerca de três horas na página oficial do rubro-negro. Após a publicação da nota do Flamengo, nenhuma menção ao afastamento ou punição do autor do *like* foi mencionada.

O Osasco, por sua vez, acatou o pedido de desculpas: “agradecemos ao @sescrjflamengo pela rápida resolução do caso” (OSASCO VOLEIBOL CLUBE, 2024). Dessa forma, vemos como os agentes do campo institucional dos clubes agem para a manutenção da estrutura do campo em si, por meio da cooperação entre as instituições. Esse discurso será reforçado pela imprensa esportiva, como veremos na seção seguinte.

O CAMPO DA IMPRENSA ESPORTIVA E O REFORÇO DA IDEOLOGIA DOMINANTE

O campo jornalístico, aqui delimitado pelo campo da imprensa esportiva, também exerce influência na repercussão do caso analisado. Percebe-se que a imprensa esportiva apenas surge para informar ao público sobre o ataque transfóbico, sem tecer comentários sobre o assunto. Entre o período de 26 e 28 de fevereiro de 2024, apenas três veículos tradicionais – O Tempo, Terra e GE (Globo Esporte) – trouxeram notícias sobre o caso. De modo geral, os agentes da imprensa esportiva destacam a curtida da página oficial do Flamengo Sesc no comentário transfóbico, a pressão dos torcedores nas redes sociais e a resposta institucional dos dois clubes.

⁴ Nasio (1993) fala em sua obra que o inconsciente se materializa num ato que surpreende e ultrapassa a intenção daquele que fala, sendo assim, o sujeito diz mais do que pretende, mostrando assim, sua verdade.

Nesse contexto, percebe-se como as produções simbólicas são instrumentos de dominação (BOURDIEU, 1998, p. 10). Aqui, o campo da imprensa esportiva atua principalmente para destacar o pedido de desculpas do Sesc Flamengo aceito pelo Osasco.

Além disso, o campo da imprensa esportiva também reforça os interesses da classe dominante, afinal não interessa discutir o acontecimento transfóbico e propor soluções. Antes, o objetivo deste campo é o de apaziguar, de disseminar um consenso sobre o pedido de desculpas institucional, manifestando assim uma ideologia ligada aos “interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo” (BOURDIEU, 1998, p. 10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um fato notável é que a Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) anunciou neste ano, no início de fevereiro, mudanças nos regulamentos das principais competições de vôlei do país – a Superliga A e a Superliga B – para incluir alguns protocolos de contenção de danos em casos de racismo e outras atitudes discriminatórias.

No entanto, atos discriminatórios fora de quadra não têm sido solucionados, e as campanhas de combate ao racismo e lgbtfobia têm sido praticamente inexistentes pela Confederação em questão. Isso revela que as propostas de mudança não podem partir do grupo dominantes, que buscam utilizar a própria estrutura criada para a manutenção dos seus próprios campos com interesses específicos. Casos como o ocorrido antes da partida entre Sesc Flamengo e Osasco, no Maracanãzinho, são silenciados e a violência fica submersa, enquanto a raiz do problema fica cada vez mais profunda. De igual modo, não dá para esperar que apenas os fãs sejam os responsáveis por cobrar medidas e inclusão no meio, sem apoio irrestrito da organização, a qual lucra com a atividade.

Além disso, é importante problematizar o papel do campo jornalístico na legitimação de uma resposta institucional vazia. Como visto em nossa análise, ao enfatizarem a resposta institucional do Sesc Flamengo, os portais contribuem para a desmobilização das classes dominadas.

Por fim, esta pesquisa também pode servir para propor um norte para futuras pesquisas que desejem se debruçar sobre os demais casos de LGBTQfobia no esporte brasileiro, oferecendo um caminho teórico para os pesquisadores que desejem entender o papel do campo jornalístico frente a essas violências.

REFERÊNCIAS

BATISTA, G. G.; CAMARGO, W. X. **Regimes de controle no esporte: das mulheres aos corpos trans/intersexo**. *Recorde*, v. 13, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3TwhuVt>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

BENEVIDES, B. G (Org.). **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023** / ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024. 125p. Disponível em: <<https://rb.gy/sb9dd0>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

BENTO, B. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. *Revista Florestan*, v. 2, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/4asd6h7>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Pierre Bourdieu. RJ: Bertrand Brasil, 1998

CBV propõe mudanças nos regulamentos das Superligas A e B e reforça procedimentos para prevenir e combater casos de atos discriminatórios. *CBV*, 2 fev. 2024. Disponível em: <<https://bit.ly/3VDDa4y>>. Acesso em: 23 mar. 2024.

COSTA, L. M. A Teoria que Explica: campo, habitus e poder simbólico. In: **Comunicação e Meio Ambiente: a análise das campanhas de prevenção a incêndios florestais na Amazônia**. Belém: UFPA; NAEA, 2006.

GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. A trajetória pessoal de Tiffany Abreu no esporte de alto rendimento. *Movimento*, [S. l.], v. 25, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.82941. Disponível em: <<https://bit.ly/43vXD5>>. Acesso em: 21 mar. 2024.

NASIO, J. D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1993.

OSASCO VOLEIBOL CLUBE. **Agradecemos ao @sescrjflamengo pela rápida resolução do caso [...]**. Twitter: @OsascoVC. Disponível em: <<https://bit.ly/3vrM4aS>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

SESC RJ FLAMENGO. **Nesta segunda-feira o adm da página SESC RJ FLAMENGO curtiu um comentário transfóbico em um post [...]**. Twitter: @sescrjflamengo. Disponível em: <<https://bit.ly/43E5J3Z>>. Acesso em: 15 mar. 2024.

SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ :Vozes, 2014.

VASCONCELOS, C. O pioneirismo involuntário de Tiffany, a primeira jogadora trans do vôlei brasileiro. *Ponte*, 29 dez. 2021. Disponível em: <<https://ponte.org/o-pioneirismo-involuntario-de-tiffany-a-primeira-jogadora-trans-do-volei-brasileiro/>>. Acesso em: 17 mar. 2024.